

Uma formação que abre as portas dos mercados internacionais

A maioria dos alunos que tira um MBA muda de emprego ou de país. Uma formação que assegura, também, um aumento de salário aos antigos alunos.

ANA PETRONILHO E JOANA MOURA

ana.petronilho@economico.pt

joana.moura@economico.pt

Apostar num MBA é, cada vez mais, um trampolim para mudar de carreira e de país. A comprová-lo estão os 32% de antigos alunos do Lisbon MBA - programa conjunto da Universidade Católica com a Universidade Nova de Lisboa - que mudaram de país após terminar a sua formação, em 2010.

Um cenário que se repete na Business School da Universidade do Porto, onde 95% dos ex-alunos do Magellan MBA (programa 'full-time' da Business School da Universidade do Porto EGP-UPBS) "fazem mudanças de carreira, a nível funcional, sectorial e, em mais de metade dos casos, aos dois níveis", assegura o vice-presidente da direcção e responsável pelos MBA da EGP-UPBS, Jorge Farinha.

Além disso, a maioria destes antigos alunos encontra um novo emprego ao fim de três meses após a conclusão do MBA. No caso do Lisbon MBA, cerca de 80% os alunos mudaram de carreira dentro deste prazo e o sector que mais recrutou foi o das telecomunicações e tecnologia. Uma mudança que foi acompanhada por um aumento salarial. Em média, os antigos alunos têm um ordenado base de 58.600 euros por ano.

Também no caso do Magellan MBA a percentagem de alunos que mudou de carreira atingiu os 80%, tendo mesmo existido, segundo Jorge Farinha, "vários casos de colocação durante o decorrer do programa" que chega aos 14 meses. O responsável por este MBA garante que "cerca de metade" dos alunos mais recentes "têm concretizado carreiras internacionais, com colocações profissionais logo após o MBA que têm incluído países como a Alemanha, Inglaterra, Brasil, Angola, Brasil, Estados Unidos, Hong Kong". Mais: das 20 empresas cotadas no PSI 20, quatro delas, "precisamente algumas das mais internacionais", têm CEO's que são antigos alunos do Magellan MBA, sublinha Jorge Farinha.

Em termos salariais, este programa garante, em geral, "uma evolução positiva, principalmente a médio e longo prazo", acrescenta Jorge Farinha.

A internacionalização é também uma preocupação do programa MBA Atlântico, que resulta de uma parceria entre a Universidade Católica do Porto, com a ESADE de Barcelona e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Segundo o director da Católica Porto Business School, Álvaro Nascimento, neste programa os alunos têm "a possibilidade de passar duas semanas internacionais - uma na ESADE de Bar-

Quase todos os programas de MBA leccionados em Portugal apostam em semanas presenciais em diferentes geografias. Uma experiência fundamental para quem quer apostar numa carreira internacional.

celona e outra na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - onde podem contactar de perto com as realidades dos dois países". Uma experiência que diz ser "inovadora pelo seu cariz tripartido" que funciona em três continentes e que pretende "formar gestores de topo no mundo da lusofonia", sublinha Álvaro Nascimento. Além disso, explica ainda o director da Católica Porto Business School, o facto de os alunos vivenciarem 'in loco' "as realidades económicas, sociais, culturais e políticas de Angola, Brasil e Portugal, fazem deste programa uma plataforma para a criação de uma diplomacia económica de língua portuguesa".

Como os MBA apostam num currículo internacional

Para contribuir para o sucesso profissional dos seus alunos, os programas de MBA são desenhados tendo como objectivo uma carreira internacional.

É o caso do "Energy MBA" - o primeiro MBA de energia do mundo - da Business School do ISCTE, que proporciona um semestre de aulas na Universidade de Columbia, nos EUA. Este programa, que tem a duração de ano e meio e foi lançado pelo ex-ministro da Economia Manuel Pinho, pretende dar aos seus alunos ferramentas para "trabalhar em qualquer do mundo", diz Pedro Fontes Falcão, director de programas de MBA. A par deste semestre em Nova Iorque, o programa conta com um corpo docente estrangeiro ou que já viveu além-fronteiras. Prática que é seguida por outros programas de MBA, entre os quais o The Lisbon MBA, o Magellan, os programas da AESE ou os do ISEG que têm viagens a Silicon Valley, na Califórnia.

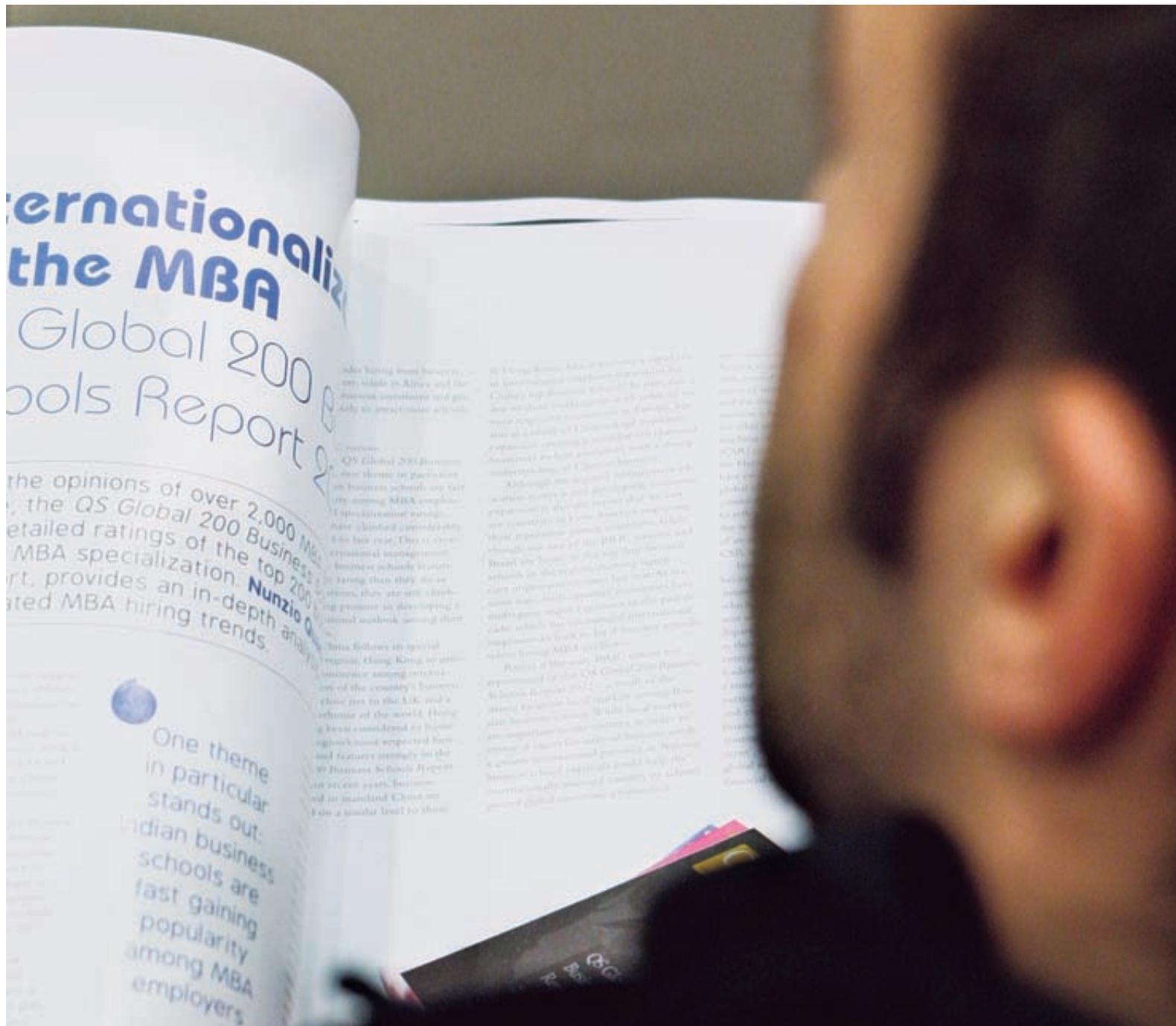
No caso do Magellan MBA, que cobre cerca de 40 países em todos os continentes, cerca de 30% dos docentes são internacionais e 90% tiveram uma formação académica ou uma experiência profissional no estrangeiro. Por isso mesmo, os MBA são totalmente leccionados em inglês e "contam com uma percentagem entre os 20% e os 40% de alunos estrangeiros por ano", explica Belén de Vicente, directora do "The Lisbon MBA". Uma característica que "permite explorar uma rede de contactos alargada noutros países a partir dos próprios colegas", acrescenta Belén de Vicente, salientando a importância do "International Lab" - iniciativa que permite desenvolver um projecto real em qualquer parte do mundo, com foco na China e no Brasil - e do estágio internacional que oferece "uma experiência de trabalho numa empresa em qualquer parte do mundo". ■



Filipe Saldanha, 34 anos

"Decidi fazer o "The Lisbon MBA" porque tinha a ambição de crescer profissionalmente e o MBA era uma mais-valia que ficava para a vida. O MBA ajudou-me a mudar de carreira e a ter sucesso num dos mercados profissionais mais competitivos da Europa: Londres. O investimento num MBA é considerável", mas "Considero que o retorno é positivo e paga dividendos vitalícios", diz este gestor da Rugby Football Union.





Angola, Brasil, EUA, China, Índia e Espanha são algumas das latitudes que os alunos de programas portugueses conhecem durante a sua formação. Mercados onde poderão a vir trabalhar no futuro.

Rita Sarmento, 28 anos



“Sempre quis trabalhar no estrangeiro, achei que a melhor forma seria através do MBA. Quem faz estes programas tem acesso a lugares com responsabilidade acrescida e uma exposição interessante, o que só aconteceria alguns anos mais tarde num percurso sem MBA. A intensidade e exigência de uma escola como o INSEAD são reconhecidos no mercado de trabalho, roporcionando acesso a esse 'salto'.”

Duarte Torres, 35 anos



“O MBA [Internacional, da Católica Porto Business School, em parceria com a ESADE-Business School de Barcelona], pelos conhecimentos adquiridos, pelas ferramentas colaborativas que promoveu e pelo espírito crítico que incute, facilitou-me a integração e alertou-me para preconceitos e equívocos que evitaram alguns erros. O retorno do investimento é garantido e de curto prazo.”

Lúcia Fonseca, 43 anos



“O MBA[executivo em Gestão pela EGP- University of Porto Business School e participação no SEP - Senior Executive Programme na London Business School] proporcionou-me o acesso a uma visão mais abrangente das organizações e a posicionar-me de forma a acrescentar valor aos projetos que tenho vindo a integrar. Foi ainda uma poderosa ferramenta o meu sucesso em território estrangeiro.”

Ricardo Seixas, 44 anos



“No processo de maturação da ideia de me lançar num projecto próprio em Madrid, considerando que o projecto só nasceu devido ao impulso que senti aquando da frequência do curso, e que desde o início envolvia uma deslocação, pode dizer-se que o MBA[executivo do ISCTE/INDEG] foi de facto o passaporte para a minha carreira internacional. Seguramente é um bom investimento.”



Como as escolas de negócios ajudam as executivas a chegar ao topo